

Lúcio Costa pede mas GDF não tira palmeiras reais

Arquivo 21/12/86

Há dois anos o Governo do Distrito Federal vem se fazendo de surdo a uma recomendação, feita em tom de ordem, pelo urbanista Lúcio Costa, criador do projeto urbanístico de Brasília: retirar as palmeiras reais plantadas nos canteiros centrais dos «eixinhos» W e L, para replantá-las no Eixo Monumental.

A recomendação está contida no projeto «Brasília Revisitada», que Lúcio Costa entregou ao governador José Aparecido, em 10 de dezembro de 85, e é reiterada em carta pessoal, datada de 31 de março de 86. Por duas vezes, José Aparecido despachou os papéis com seu «aprovo», mas até agora ninguém teve disposição para mexer com as palmeiras, que ainda não chegaram a um metro de altura.

Medo da população

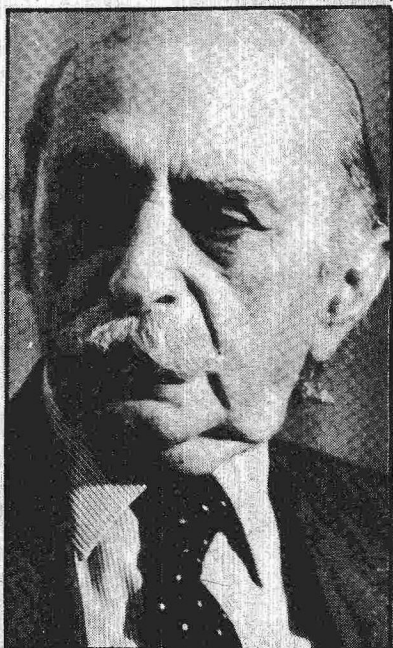
O secretário de Obras, Carlos Magalhães, não quer falar do assunto. Porém, técnicos da Secretaria dizem que é ele quem está mantendo a recomendação na «geladeira», à espera de que o arquiteto — de 85 anos — venha a se esquecer dela.

Por que? Porque todos na Secretaria estão certos de que ganharão a completa antipatia da população, no momento em que começarem a retirar as palmeiras de um lugar para replantá-las em outro. E não é só este problema. Para o replantio no Eixo Monumental — especialmente diante dos ministérios — como determina Lúcio Costa, será necessário arrancar dezenas ou centenas de árvores, muitas delas já altas e frondosas. Aí, a gritaria da população seria insuportável — avalia o pessoal da Secretaria de Obras.

Razões de Lúcio

Não é muito fácil entender as razões estéticas e simbólicas que levaram o consagrado urbanista a propor a transferência das palmeiras. Mas o fato é que ele considera o assunto «da maior gravidade» e sustenta ser «inadmissível» e «inaceitável» que as nobres plantas fiquem onde estão.

Na primeira correspondência ao governador, Lúcio Costa faz um breve histórico da introdução, no Brasil, no século XIX, da palmeira conhecida como «real» ou «imperial». Diz que ela «incorporou-se a nossa paisagem, passando, desde então, a marcar, com altaneira



Lúcio quer palmeiras no Eixo

presença do seu porte esguio, a entrada das chácaras e as alamedas de acesso às fazendas do ciclo do café».

Depois, acrescenta que, «em Brasília, com a melhor das intenções, foram da noite para o dia plantadas centenas de palmeiras em locais errados e com espaçamentos igualmente errados» (o espaçamento nos eixinhos é de 25 metros e o certo, segundo Lúcio Costa, é de sete metros). E explica o arquiteto: «De fato, se a definição urbana da cidade resultou do estabelecimento de dois eixos — o cívico-administrativo, simbólico da civitas, portanto monumental e, perpendicular a ele, o eixo rodoviário-residencial — parece evidente que, ao se deliberar, aliás a minha revelia, o plantio intensivo de palmeiras imperiais, a escolha deveria ter recaído no eixo principal, e não no secundário das quadras residenciais».

Em sua segunda carta ao governador, Lúcio Costa cobra a remoção das palmeiras, e afirma ser «aberrante a presença delas onde estão».

Nova disposição

Pela disposição traçada em menores por Lúcio Costa, as palmeiras imperiais deverão ornamentar o Eixo Monumental, desde a Esplanada dos Ministérios até a Praça do Cruzeiro.